

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

XXVII Volume

20 de Fevereiro de 1904

N.º 905



MONSENHOR JOSÉ MACCHI
NOVO NUNCIO DE SUA SANTIDADE EM LISBOA

CHRONICA OCCIDENTAL

Cinzas. Ainda os theatros não haviam fechado suas portas, ainda aos estafados herdeiros do Mascario não fôra concedido o descanso nos bailes

particulares, já o sino, aos primeiros alvôres da manhã de quarta-feira, tocava brandamente, como a medo.

O padre, com a pitada de cinza entre o pollegar e o indicador, lá estava na igreja á espera de quem lhe fosse receber o salutar aviso: *Memento, homo, quia pulvis es et in pulverem reverteris.*

Poucos abriam a porta, ainda que a muitos a

consciencia lhes dissesse que pó e muito pó, e da peor qualidade, eram elles e tudo que n'aquelles dias os endoidecêra.

O carnaval por ahí andou a fazer das suas civilisadas. Muitos se queixaram d'isso; alguns até repontavam, que o queriam á antiga. Foram philosophar para o calabouço. Ha de sempre haver arreigados ás tradições do passado, seja no que fôr; até o velho carnaval ha de ter seus martyres.

Danças, cegadas, regimentos, carruagens mais ou menos bem enfeitadas, carros reclamos, muito saloio, muito gallego, muita velha e muito velho, gritaram, correram, espojaram-se por essas ruas a beberem o vinho d'essas tabernas.

Na Avenida foi a maior concorrência e lá se realisou a distribuição dos premios.

Os theatros estiveram á cunha e o maior exito obtido foi o do proposito carnavalesco representado em hespanhol no teatro D. Amelia, por quasi todos os principaes artistas da companhia portugueza.

Presidiu a tudo a Folia, representada por uma menina muito seria que entrou para um carro no Terreiro do Paço, e esteve, creio eu, n'uma tribuna na Avenida assistindo ao desfilar do cortejo. Segundo informações que nos deram, a symbolica personagem parecia possuida d'uma tristeza profunda, como se o oiro que lhe agaloava o fato o houvessem pedido emprestado na loja d'um cangalheiro. Podiam, em frente d'ella cantar-lhe o *Viva a Folia* em todos os tons, que coisa alguma lhe abria nos labios um sorriso nem lhe trazia ao olhar uma centelha.

Pensava talvez nos russos e japonezes, lembrava-se talvez de que n'aquelles dias de ferias para tantos ella apanhava uma das maiores estopadas da vida.

Alguns, em quarta feira de cinzas, sentem-se arrasados; outros, pelo contrario, teem saudades d'uns dias de descanso, em que, com repartições, escriptorios e lojas fechadas mais cedo ou nem sequer abertas, puderam apanhar um pedacinho d'ar, gosar mais uma hora de cama, durante a manhã fria.

Outros, saudosos do campo, sahiram de Lisboa, foram até Cintra, foram por esse Ribatejo fóra, alguns até mais longe, aproveitar uns dias relativamente bonitos.

Até a politica descansou e os animos, que se haviam exaltado em varias discussões, tiveram tempo para serenar e para architectar com mais algum equilibrio o castello de mais ponderados argumentos.

Pouco n'estes dias se falou de indemenisação pedida pelos empreiteiros dos caminhos de ferro da Beira Alta e até foram addiados os comicios a que tem dado logar o projecto da nova circumvallação da cidade.

São estes os casos mais graves da politica interna, o que não quer dizer que fossem elles os agitadores do maior temporal que este anno soprou sobre as bancadas da camara dos deputados. Quem teve essa honra de mais commover o publico das galerias e excitar a curiosidade dos que lêem os jornaes nocturnos foi a concessão feita ao empresario Pacini de mais tres annos de exploração do teatro de S. Carlos. Ah, sim, houve de tudo: murros nas carteiras, campainhadas, chapéos na cabeça, galarias evacuadas, posteriores explicações, etc.

Afinal tudo serenou e o sr. Pacini ficou com o teatro. Em signal de contentamento levou a *Sr.ª Angot* em terça feira gorda.

Passou o temporal na camara, passou o temporal cá fóra. E este ultimo não foi sem tempo, pois que já haveria quem temesse um novo diluvio. Os tres dias de carnaval portaram-se ainda assim muito melhor do que temia a maior parte

da gente; quarta feira de cinzas choveu outra vez menos mal; depois o tempo melhorou e um ou outro quarto d' hora havemos já tido de sol esplendido.

A cheia do Tejo foi grande e d' ella tiveram razão de queixar-se os lavradores com seus favaes perdidos e muito damnificadas as sementeiras de trigo.

Mas foi nas Caldas de Moledo, em propriedades do Conde de Azambuja, que se deu o maior dos desastres, d'estes que, felizmente, são casos raros na nossa terra. Fendeu-se o deposito das aguas thermaes e proximamente uns trez mil metros cubicos d'agua, arrastando as alvenarias, precipitaram-se pela encosta, destruindo o que iam encontrando na sua frente, até ao rio. Desmoronaram-se as casas, havendo perecido no desastre mais de vinte pessoas. Um verdadeiro horror.

A continuação das chuvas poderia ter trazido á agricultura portugueza uma verdadeira ruina. Agora voltou a esperança com o sol, a esperança e a alegria.

Em Lisboa sentem-se menos as consequencias do mau tempo, e apenas os theatros soffrem pela menor concorrência de espectadores.

O entrudo fez por ahí correr muito dinheiro, mas já, antes que a Folia nos apparecesse, por ahí as noticias do high-life indicavam a despreocupação de muitos espiritos. Festas houve e bonitas, ainda que muito poucas d'estas a que para o mesmo ponto concorre toda a sociedade elegante.

Muitas festas tambem promoveu a officialidade brazileira com a estada em Lisboa do cruzador *Benjamin Constant*.

Onde a mocidade apparece, hão de nuvens desfazer-se. As mais alegres de todas estas festas foram o banquete oferecido pelos alumnos da Escola Naval aos seus collegas brazileiros e o convite que estes lhes fizeram para bordo, em agradecimento.

O governo portuguez já recebeu do brazileiro um telegramma amabilissimo pela fórma por que a tripulação do cruzador foi recebida em Portugal.

No concerto realiado na Sociedade de Geographia e dedicado aos officiaes pela Sociedade dos Amadores de Musica, o hymno brazileiro foi escutado de pé e saudado com uma prolongada salva de palmas.

O Brazil continua a merecer dos portuguezes as maiores provas de sympathia.

São estas alegrias melhores que as do entrudo, que estas não deixam outras memorias senão de barulho e de cançasso.

E que dolorosos contrastes ás vezes!

Na manhã de terça feira gorda, quando já as mascaras andavam sujas e estafadas de mais dois dias, exhibindo as mascaras já rötas, suadas, e com nodos de vinho, lentamente, na longa fila de carruagens, acompanhámos ao cemiterio o cadaver de Caçimiro Dantas.

Poeta e de muito merito, pouco pensaria agora em glorias proprias, vivendo sobretudo encantado nos triumphos que o filho fôra alcançando desde o apparecimento de seu primeiro livro, o *Nada*, que o revelára poeta de primeira ordem.

Comovia vel-o em noites de primeira representação, atraz do panno de fundo passeando, inquieto, nervoso, muito mais do que se fosse elle o auctor da peça, n'uma alegria cheia de ternura, se o publico recompensava com palmas alguns dos melhores trechos da obra.

Succumbiu a uma cruel enfermidade, que, por muitos dias, o teve prostrado no leito da dôr, sem esperanças de salvamento.

E o enterro causava ainda maior tristeza percorrendo as ruas entre as mascaradas, como lição a todos de que mais verdades contem o symbolo das cinzas que toda a alegria postiga a que, tanta vez, os homens se entregam para mais angustioso acordar.

Foi-se o entrudo ha tres ou quatro dias e n'esses quantas lagrimas!

Até dois desastres gravissimos estavam acontecendo em Lisboa, quando os mais doidos no divertimento faziam soar os guisos e sopravam nas cornetas desafinadas: um homem morria esmagado no elevador da estação central; dois outros eram colhidos pelo volante do elevador de Santa Justa.

E ainda nós não falámos da guerra, em que já centenas de combatentes morreram, ainda considerações não fizemos sobre os perigos que ameaçam a Europa toda, muito mais desde as noticias que vieram do exercito turco, que pensa querer já vingar-se de anteriores desastres.

No meio da confusão produzida por telegrammas exagerados e contradictorios, os finorios ganham nas diferentes bolsas o dinheiro aos ingenuos. Hão de um dia ter titulos e ser respeitados.

Pois que menos é isto do que deitar a vermelhinha e apanhar os tostões d'um saloio?

Tudo ajuda a confundir e nem depois da guerra acabada havemos de saber como ella foi.

João da Camara.



AS NOSSAS GRAVURAS

O NOVO NUNCIO EM LISBOA

Monsenhor Macchi

O novo nuncio de Sua Santidade n'esta côrte é actualmente Monsenhor José Macchi, que chegou a Lisboa no dia 26 de Janeiro, findo, sendo alvo d'uma recepção muito affectuosa por parte dos representantes do clero, membros de associações catholicas, representantes de collegios religiosos e outras pessoas da nossa primeira sociedade, que o aguardavam na gare.

Monsenhor José Macchi nasceu em Palestrina a 10 de Julho de 1845, contando portanto 59 annos de idade incompletos. Tem uma physionomia em extremo sympathica, revelando-se n'ella a distincção e a bondade do seu caracter.

De olhar vivo e intelligente correspondeu com a mais rasgada affabilidade aos cumprimentos de todos que o foram saudar na sua chegada e assim captivou desde logo pelo seu tracto as mais expontaneas sympathias.

Dedicando-se á carreira ecclesiastica, desde muito novo foi eleito bispo titular de Gadara, a 27 de fevereiro de 1880; promovido ao arcebisado titular de Amaséa a 3 d'abril de 1889, e transferido para o de Thessalonica a 19 de Agosto de 1897.

Foi internuncio apostolico no Brazil, por nomeação da Santa Sé em 14 de fevereiro de 1898, passando d'este cargo a nuncio de 2.ª classe em Munich e d'aqui a nuncio de 1.ª classe em Lisboa, cargo que ficou vago, como nossos leitores devem estar lembrados,

pela elevação de Monsenhor Ajuti ao cardinalato.

BEIRA

A muralha de Chiveve é uma das mais importantes obras que se tem feito na moderna cidade da Africa Oriental.

N'um dos proximos numeros daremos mais desenvolvida noticia d'esta e outras obras ali feitas, que acompanharemos com gravuras.

O Carnaval de Lisboa em 1904



UM PINTAINHO A SAHIR DA CASCA
MASCARA PREMIADA



UM BYCICLISTA NA GAMA
MASCARA PREMIADA



O CARRÔ DOS BOMBEIROS VOLUNTARIOS DA AJUDA
(Instantaneos do sr. Alberto Lima)

General Schiappa Monteiro

O sr. general de divisão Alfredo Augusto Schiappa Monteiro de Carvalho nasceu em Santarem no dia 20 de novembro de 1838. Frequentou a Escola Polytechnica e a Escola do Exercito, concludo o curso de artilheria. Muito novo ainda manifestou notavel aptidão para as sciencias mathematicas,

graças á qual foi, em 1870, nomeado lente substituto de geometria descriptiva na Escola Polytechnica, regendo sempre até hoje as aulas practicas, ha cinco annos a aula theorica da 1.ª parte e ha dois annos a da 2.ª parte d'essa cadeira. Por ter fallecido o lente proprietario, general Motta Pedago, compete-lhe agora esse logar.

Em 1873, foi nomeado professor de desenho da mesma Escola, e repetidor de topographia e geodesia na Escola do Exercito, sendo no mesmo anno approvado em merito absoluto, tambem em concurso de provas publicas, para lente de geometria descriptiva e topographia no Instituto Industrial e Commercial de Lisboa.

São notorias e teem sido devidamente consagradas as qualidades pedagogicas do illustre lente. Continuando sempre a produzir, a sua obra scientifica pode computar-se o maior dos mathematicos portuguezes no seculo xix. De facto, tem resolvido notaveis problemas, architectado novas demonstrações e feito interessantes descobertas em quasi todos os principaes assumptos das mathematicas puras, taes como a theoria das desigualdades, as equipollencias, as quantidades complexas, a geometria do ponto, da recta, do angulo, do triangulo, do quadrilatero e do circulo; a trigonometria, as intersecções entre planos e entre superficies de diversas ordens, as conicas, a que accrescentou uma nova especie que denominou «normogeneas»; as quadricas, as curvas planas, as superficies algebraicas, as congruencias e a homographia. Tambem applicou a geometria e a trigonometria ao traçado da fortificação.

Tão preciosos trabalhos encontram-se em numerosas brochuras avulsas, em importantes jornaes mathematicos estrangeiros e em todos os que, em Portugal, lhe são contemporaneos.

As maiores recompensas officiaes que o insigne sabio tem recebido são o titulo de socio effectivo da Academia Real das Sciencias, onde exerceu por vezes o cargo de vice-secretario da primeira classe, sendo actualmente o presidente da secção de mathematica, e a carta de Conselho offerecida espontaneamente por El-Rei.

O sr. general Schiappa Monteiro pertence ao pouco numero dos intellectuaes que vive exclusivamente para a Sciencia, não recebendo outros proventos além dos que lhe competem como lente e official do exercito. Jamais poz o seu prestigio ao serviço de causas mercenarias e seguiu norma estranha aos dictames da consciencia. Justiceiro, leal e independente, tem encontrado asperos attrictos na sua honrada senda; talentoso, erudito e trabalhador, despertou invejas mesquinhas na posição brilhantissima que conquistou.

Esses attrictos e essas invejas são porém muito inferiores á sympathia e á admiração que lhe votam todos os homens dignos. Tem, por isso, recebido muitas provas de deferencia, sendo uma das mais significativas a sessão de solemne homenagem que ultimamente lhe tributou, no dia do seu anniversario natalicio, o «Real Instituto de Lisboa», benemerita obra de ensino gratuito, á qual o paiz já deve relevantes serviços.

N'essa cerimonia, das mais tocantes e entusiasticas a que temos assistido, foi inaugurado o retrato do sr. general Schiappa Monteiro e feito o elogio do eximio homem de sciencia e nobre cidadão pelos srs. coronel medico dr. Ferreira Ribeiro e Leopoldo Saraiva, e pelo auctor d'estas linhas, que respectivamente discursaram, em nome dos corpos pedagogico, academico e de fundadores. O acto terminou pela offerta das palmas de ouro de director honorario ao illustre academico, que foi alvo de vibrante ovação por parte da numerosissima e muito distincta assemblea, que se apinhava nas engalanadas salas da prestante collectividade.

Antonio Cabreira.

ANTONIO JOAQUIM ABRANCHES

Fallar de Antonio Joaquim Abranches é para mim recordar a mocidade, esse tempo feliz da vida, que passa e não volta, e com que saudade o digo.

Ahi por 1850 encontramos-nos nos bancos do collegio de que era director o padre José Maria Coelho, e ainda que eu poucos annos depois me afastasse para bem longe, para a America, onde cedo ia entrar no positivismo da vida, nem por isso me esqueci do antigo condiscipulo e com prazer o reconheci quando, passados annos o encontrei em casa do meu saudoso amigo Gervasio Lobato, que o era tambem de Joaquim Abranches.

Elle estava, por assim dizer, o mesmo, apesar dos annos decorridos. Serio e grave como o tinha conhecido na escola. Seguindo sua vida pautada, regular como um chronometro, toda entregue ao estudo e ao ensino de que elle tem sido um apostolo na inteira accepção da palavra.

De quem como Abranches, que aos 16 annos de idade já leccionava portuguez e latim no collegio Inglez de Mr. Davidson, e ao magisterio se dedicou até hoje, bem se poderá dizer que sua vida tem sido consagrada ao ensino, e milhares de estudantes receberam suas licções.

O profundo saber de Antonio Joaquim Abranches, o seu excellento methodo de ensino, resultante da longa pratica do magisterio, alliados á extrema bondade e rectidão de seu caracter, tem alcançado em cada discipulo um amigo e quantos lhe agradecem hoje as proveitosas licções que d'elle receberam e os cuidados paternaes com que os tratou.

De longe vem as provas d'esta affirmação, pois em 1874 ao deixar, por motivo de grave doença, o Collegio Inglez de Mr. Davidson, o seu director e os alumnos lhe manifestaram a grande pena que sentiam pela retirada do seu professor e amigo.

No anno seguinte, porém, Joaquim Abranches restabelecido, prosegue sua carreira e toma de trespasse o antigo Gymnasio Godinho, de sociedade com um seu amigo, hoje distincto agronomo, a que dá o nome de Collegio Nacional. Ali continuou sua gloriosa tarefa e, em 1880, para commemorar o centenario do grande Epico portuguez denominou o seu collegio *Lyceu Camões*, estabelecendo-o em casa mais vasta e apropriada no Largo das Chagas. Passado pouco tempo a casa mudou de proprietario e Abranches teve de mudar o collegio para o predio da rua da Atalaya onde hoje está o *Jornal da Noite*.

A casa, porém, não era boa para o fim destinado e isso influiu no animo de Antonio Joaquim Abranches para desistir do collegio á falta de encontrar casa em condições apropriadas.

Entregou-se então ás licções particulares, para o que não lhe faltavam discipulos.

N'esta situação tomou conhecimento com João José de Figueiredo proprietario e director do Lyceu Polytechnico e com elle se associou n'este collegio, levando os discipulos que tinha e o acompanharam.

A associação d'estes dois homens deu áquelle instituto de ensino, notavel incremento, pois que á reconhecida competencia de João José de Figueiredo, se juntava a grande pratica e saber de Antonio Joaquim Abranches, conseguindo assim fazer do Lyceu Polytechnico um dos primeiros estabelecimentos de educação e ensino em Lisboa.

Abranches assumiu por vezes a direcção d'este collegio, quando João José de Figueiredo, por motivo de serviço como official do exercito que era, se ausentava das lides escolares, desempenhando tambem as funcções de vice-director além de reger varias cadeiras.

Em 1902 falleceu João José de Figueiredo cuja falta, muito sentida por sua familia e amigos, o não foi menos pelos alumnos do Lyceu Polytechnico que perdiam n'elle um desvelado professor e, por assim dizer, carinhoso pae.

Certamente a morte do João José de Figueiredo teria sido a perda do Lyceu Polytechnico se lá não estivesse Antonio Joaquim Abranches.

O nome do distinctissimo professor era uma garantia para as familias que ali tinham seus filhos a educar, e por isso Abranches muito instado para assumir a direcção e gerencia, d'aquelle estabelecimento de ensino, resolveu-se por fim a acceitar o espinhoso encargo com sacrificio até da propria saude. O Lyceu Polytechnico não perdeu um só de seus alumnos e antes augmentou o numero d'elles durante a direcção superior de Abranches. Ao fim de seis mezes, motivos que não vem para o caso, levaram-no a depôr o cargo, continuando, porém, na regencia das cadeiras que leccionava, reassumindo ultimamente a direcção superior d'este lyceu.

O estudo e o ensino é a sua paixão e poucos professores contam, como elle, um amigo em cada discipulo.

Antonio Joaquim Abranches é um consummado latinista e muitos dos seus escriptos, dispersos em varias publicações, attestam o profundo conhecimento que tem da lingua portugueza.

Encerrado na sua modestia nem sequer o seu nome apparece n'esses escriptos, mas um pseudonymo; entretanto a sua penna combateu tenazmente ao lado de João José de Figueiredo a reforma do ensino secundario.

Antonio Joaquim Abranches foi um dos secretarios do grande poeta Castilho, pelo que é ainda

um dos sobreviventes d'essa pleiade de homens de letras que ali teve seu baptismo.

Honras e distincções officiaes não as tem querido. Que nos releve agora esta simples, mas justa homenagem, que lhe presta a boa amizade do seu antigo condiscipulo e velho amigo.

CAETANO ALBERTO.

A Magdalena de Fernandes Caldas

Quanta vez ao attentar em imagens de santos expostas á veneração dos fieis, nos altares de nossas egrejas, me tem acudido expontaneo, irresistivel o riso, ou um assumo de mal contida indignação, apesar de toda a minha crença e fé christã; e por isto mesmo quanta vez tenho meditado n'esta religião divina, que toda a maldade e ignorancia humanas não tem conseguido perder.

És Divina, não ha duvida, adoravel religião do Bem, da Fé, da Esperança, da Caridade; e emquanto os crentes, os bons ou os poderosos envaidecidos, te levantam templos custozos indo pedir á Arte todas as forças do seu espirito, todos os arrojos da concepção, todas as bellezas decorativas para as sumptuosas fabricas de suas cathedraes a erguerem-se até ao ceu, onde as nuvens evolvem as grimpas de sua arrogante architectura, como poemas heroicas de pedra, ou na pobre aldeia ou monte, se ergue a modesta capellinha, simples como a poesia dos campos, que Deus tambem povoou das humildes florinhas, eu me absorvo na contemplação de tanta grandeza e poesia, mal posso comprehender que nos altares d'esses templos se erguam em estatuas ou em retabulos imagens que não correspondam ao sentimento piedoso que ali as collocou, que não falem ao coração, que não possam commover uma alma bem formada, que nada digam do grande drama de que foram protagonistas, do que soffreram, do que fizeram pelo bem, enfim, por que estão ali santificadas, porque se devem adorar.

Acudiram-me estas reflexões ao contemplar uma imagem de Maria Magdalena, que esteve exposta ao publico, na igreja de S. Julião em Lisboa.

Deviam ser assim todas as imagens, isto é, deviam ser obras d'arte, feitas por artistas d'alma e de coração, inspiradas e sentidas, para nos tocarem, para commoverem e serem respeitadas porquantos as vêem.

Essa imagem de Magdalena que me sensibilizou é obra d'um artista que só agora conheci, o sr. Fernandes Caldas, residente em Villa Nova de Gaya, onde tem seu atelier, e que veio a Lisboa acompanhar a sua obra querida, não menos querida que outras tambem suas de subido valor artistico, como pude vêr por uma preciosa collecção de photographias que o auctor me offereceu.

Mas se por essas photographias eu pude reconhecer o merecimento do artista, mais elle se affirmou em meu conceito vendo a sua imagem de Maria Magdalena.

Quanto nao senti o artista para reproduzir n'aquella figura de mulher, toda a dôr e arrependimento da formosa peccadora. Como os seus lindos olhos se erguem supplicantes e as lagrimas deslisam pela face onde esmaesce a côr, como a de uma rosa que o sopro da tempestade desmaiou. Como aquelles braços se estorcem angustiosos e as mãos se apertam nervosamente implorando a misericordia do Senhor!

Ninguem poderá vêr aquella Magdalena, sem que soffra com ella, e como ella quizera ter tão grande dôr de arrependimento de seus peccados.

Eis porque assim deveriam ser todas as imagens de nossos altares. Eis porque o novo Pontifice Pio X recommenda e dispõe regras severas sobre a iconographia sacra.

A imagem de que estamos escrevendo é destinada á igreja parochial da Ericeira, e foi encomendada ao sr. Fernandes Caldas pelo reverendo parcho d'aquella freguezia, o Padre Antonio Maria dos Santos Portugal, sacerdote illustrado, que tem a justa comprehensão dos seus deveres, tão dedicado e zeloso pelo culto da religião de que é ministro.

A sua iniciativa e esforços se devem todos os melhoramentos realizados na sua parochia, e não menos importante foi o dotar a sua igreja com esta formosa imagem, obra d'arte de incontestavel merecimento, e como poucas se encontram n'outros templos.

Bom seria que este salutar exemplo do digno Prior da Ericeira, fosse seguido por outros parchos, ou corporações religiosas para assim vêr



FERNANDES CALDAS

mos banidas dos altares imagens irrisórias e ridículas, attentatorias do bom senso e da arte.

E' de justiça dizer-se que a excellente esculptura do sr. Fernandes Caldas encontrou um habil cooperador para o seu magnifico conjuncto, no pintor encarnador sr. Albino Barboza, artista de grande merecimento a quem se deve tambem a primorosa encarnação da



REV.º ANTONIO MARIA DOS SANTOS PORTUGAL
Prior da Ericéira

imagem de Santa Izabel, de Teixeira Lopes, que o OCCIDENTE reproduziu a paginas 161 do volume XIX n.º 633.

Não faltam artistas portuguezes de valor, e vê-se que na esculptura religiosa ha desvelados cultores como Fernandes Caldas, cujo talento se affirma de ha muito em obras d'este genero.

C. A.

ABANDONADO

(De um livro inedito «Esboços Psychologicos»)

Já a noite era velha... uma noite tempestuosa, cega!... E na misera mansarda, á fraca luz de uma magra vella, o infeliz, o paralytico scismava ainda; immovel, muito immovel, deitado n'um

catre, as lividas mãos abandonadas sobre o cobertor, a loira cabeça enterrada no travesseiro, o olhar vago, tão vago!... Dir-se-hia um cadaver, tal a inacção, tão pallido, transparente o seu rosto!...

*

Lá fóra, um vento gélido corria, n'um sibilar agudo, dolente...

E o triste scismava, scismava sempre. Revia agora o querido quadro das suas gratas illusões perdidas: «Muito unidos, de lábios collados n'um longo beijo, vasto! segredando, qual leve brisa, os seus mais reconditos pensamentos... Elle alto, muito loiro, muito branco; ella, de rosto oval, de uma maravilhosa belleza, emoldurado por longos cabellos d'ébano, de hombros largos, seios tumidos, fórmulas encantadoras... Ambos bellos, ambos tremulos de volupia!...»

«Como elles teriam passado, assim, n'uma serenidade doce, a vida toda!... Mas... evaporára-se tudo .. evaporára-se tudo!... Fria, tão fria, agora, a sua vida!...»

*

Ha mezes que se déra a terrivel fatalidade. N'uma manhã, foi-lhe impossivel o levantar-se do leito: tinha-o este preso nas suas immensas garras adunças tomara-lhe a paralyisia todo o lado esquerdo...

Luctou, mas em vão! o mal invadira-lhe, pouco a pouco, o corpo todo, um corpo herculeo!...

Hoje... era ahi inerte, muito inerte!...

*

Como elle a esperava, e ha tanto tempo!... Tinha-lhe escripto uma extensa carta, manchada de lagrimas que não poderam reter os seus lindos olhos de um azul desmaiado: «Que viésse, Que sentia finir-se. Anciava por tê-la ali, muito junto a si, de mãos dadas .. e, depois, quando chegásse o momento fatal, sempre muito unidos, mansamente, docemente, desprender-se da vida... Imaginar-se-hia ainda com ella, em terno amplexo, n'esse vôo perenne suave, pela região do ignoto...»

O tempo fugia e ella não chegava!«...»

*

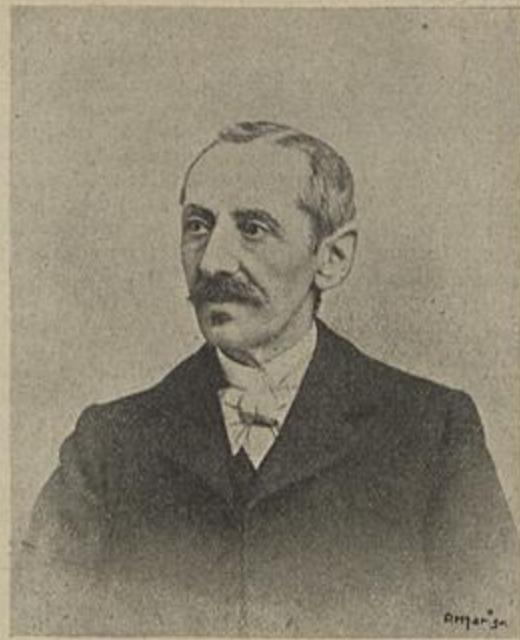
Scismava o desgraçado, scismava sempre...



IMAGEM DE MARIA MAGDALENA
ESCUPTURA DE FERNANDES CALDAS, DESTINADA Á EGREJA PAROCHIAL DA ERICEIRA



O PROFESSOR
GENERAL SCHIAPPA MONTEIRO
Lente da Escola Polytechnica



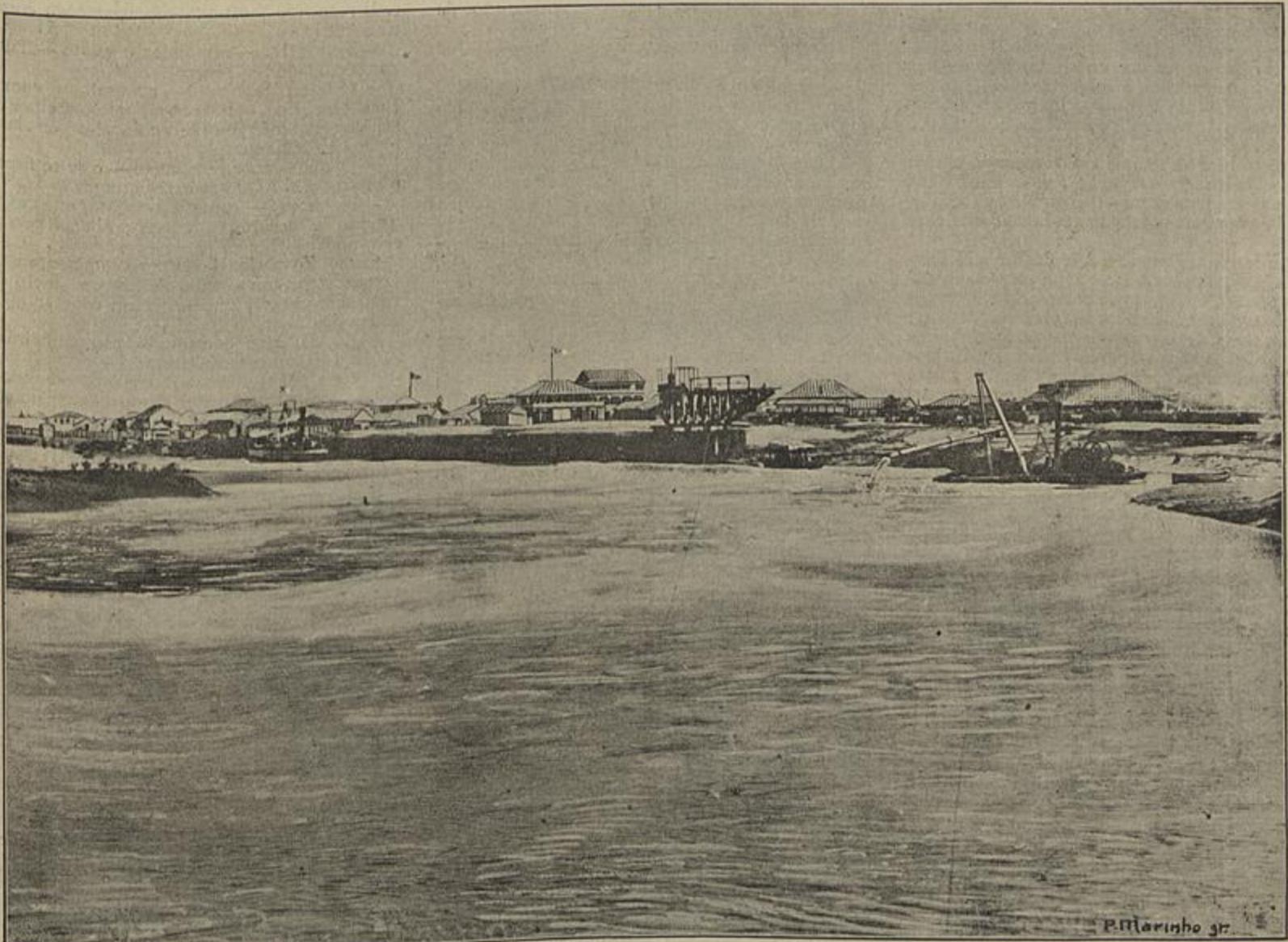
O PROFESSOR
ANTONIO JOAQUIM ABRANCHES
Director do Lyceu Polytechnico

De repente, franziu a testa, e afoguearam-se-lhe as faces: «A perjura, a vil! não viria e elle acabaria ali, só, abandonado... Porventura o esquecia nos braços de outrem!...»
«— Oh, não mil vezes não!...»
E esforçava-se o misero por animar o pesado corpo.
«Iria... sim! iria lançar-lhe em rosto o seu negro procedimento, o seu horrendo olvido... e... sim! tral-a-hia comsigo, para tambem morrer ali!

No rosto esguio, conheciam-se-lhe os titanicos esforços para deixar o leito maldito!...

Lgrimas silenciosas rolam-lhe pelas faces novamente desmaiadas: já de animo abatido, chora o desventurado a sua desdita.....

Mais acalmado e procurando a resignação, procurando-a no seu orgulho: «Pois que, mortificar-se por quem não o amava?!... Tambem elle a não amaria mais!...»
E, desprendido: «Só? Abandonado? mais valia transpôr assim os umbraes do Mysterio, desprestando a vil raça humana...»
Sorrindo-se dolorosamente: «Entra-se de frente erguida... nada se deve ao mundo... está-se quite com elle...»



BEIRA — MURALHA DE CHIVEVE

P. Marinho gr.

E, escutando os medonhos rugidos do vendaval, que corria infrene: «Que noite tenebrosa, ululante!...»

«Sim... fôra n'uma noite semelhante que a tivêra, pela vez primeira, nos seus robustos braços... Apertada ao peito, n'um mutuo estase, profundo, sublime!... Julgavam-se, então, longe, muito longe, d'este mundo mesquinho; transportados ao castello dos seus sonhos, adormecendo suavemente, entre a purpura e o oiro, embalados pelas musicas que tocavam á distancia, muito de manso... Que felizes assim, felizes horas e horas!...»

«Como ella, tão meiga, de olhos negros tão bellos, avelludados, jurava amal-o, amal-o sempre... e, elle, trémulo,...

«—Oh, impossivel, impossivel!—*Ella viria!*...»

M. Mendonça d'Oliveira.

POLITICA EM PORTUGAL

VII

Colonias — Angola. — Ha tempo, li n'um jornal francez estas linhas dignas de attenção: «Ah! se entre nós o amor de viagens estivesse mais desenvolvido, se, talvez, tambem as facilidades de viajar fossem maiores, haveria mais pessoas que iriam vêr e que voltariam convencidas da prosperidade de grande numero de nossas colonias e do brilhante futuro que pode estar reservado a todas.»

Logo em seguida a estas linhas vertidas, li uma descripção rapida do estado prospero da Tunizia, da Guiné e do Congo francezes, da Costa d'Ivoire (marim), da Nova Caledonia, onde não faltam linhas ferreas, caes de desembarque, plantações valiosas de utilidade immediata, tudo isto devido á excellencia de administração e a medidas organicas de selecção proficua.

Podemos dizer outrotanto de colonias portuguezas?

Infelizmente, ainda hoje não se acham modificados de maneira sensível os processos governativos e predomina sempre, no bestunio dos chefes de gabinete ministerial, o ideal retrogrado de ser confiada a pasta de Marinha a individuos alheios geralmente ao assumpto complexo que lhes é cometido.

Um facto tem ha muitos annos causado o meu assombro relativamente a colonias: alludo aos meios de transporte entre a metropole e as regiões diversas de dominio portuguez, fôra do continente europeu.

A Inglaterra, a França, a Allemanha, a Hollanda, a Belgica, a propria Hespanha empregam navios nacionaes, como elo de communicacão regular com as gentes sujeitas a suas leis respectivas: Portugal, paiz de navegadores e de marinheiros que conta filhos seus embarcados em quasi todos os navios do mundo, faz excepção relativamente a si proprio, e contribue alta e poderosamente para o progresso e riqueza de companhias estrangeiras de navegacão mercante, cujas embarcações enchem os nossos portos!

Não ignoro que a vinda a Portugal de muitos navios em taes condições é bom signal de exportação de artigos caseiros representativos de oiro entrado ou de materia equivalente: comtudo, é ultra-doloroso vêr carregar em barcos estrangeiros mercadorias e generos nacionaes com destino a portos tambem nacionaes.

E não só isto: é igualmente desagradavel ser-se forçado a tomar vapor de bandeira alheia e tripulado por estranhos para seguir para colonias nossas.

Os casos e os conflictos como aquelle, de que os jornaes da capital deram noticia, succedido durante a viagem a bordo do vapor allemão que trouxe de Africa oriental os expedicionarios que chegaram a Lisboa no sabbado 15 de junho de 1901, são frequentes a cada passo, tendendo os abusos a augmentar constantemente sem embargo de todas as satisfações depois de feito o mal.

Ora, estes vicios, estes caminhos errados e bem assim, o conhecimento *de visu* do ultramar demandam homens experimentados e de competencia authentica para applicação de medicina, não de pharmacia e por tentativas mas prompta e radical.

As colonias devem servir de previa escola de governantes illustrados e cautelosos que, mais tarde, na metropole e nos conselhos da corôa,

saberão levantar-lhes o nivel moral e tirar proveito maximo em beneficio do Estado. Nunca em Portugal se procedeu assim, e, por isso temos assistido a scenas extraordinarias de prestidigitacão colonial que seriam para riso e troça se não fossem actores e victimas ao mesmo tempo.

O remate do artigo do jornal francez a que me reportei no principio do presente capitulo não é menos digno de attenção e de meditacão que as linhas traduzidas do original.

«Em caso de necessidade, lê-se ahi, cumpre nomear menos funcionarios, se faltam creditos, mas não haja hesitações em dotar cada colonia com um d'estes uteis organismos» (*jardins d'essai*).

E quem diz jardins d'essai diz, *ipso facto*, elementos de ordem, instrumentos e alfaias de agricultura e de lavoura, escolas e industrias, artes e officios, codigos e leis.

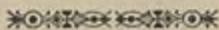
Descurar completamente considerações d'esta natureza e contentar-se com esgrimir ostensivamente aparcias de bons desejos sob revestimento oratorio, é anticipar porventura catastrophes irreparaveis, fazer de coveiro de nacionalidades abtidas.

O momento historico que atravessamos e o espelho vivaz do que aconteceu a Hespanha, são de molde a inspirar resoluções definitivas e a despertar firmeza de vontades e pulsos de antes quebrar que torcer.

Mas reparem todos bem que estes predicados juntos de nada valem quando não se acham aliados a muita experiencia practica: que significacão tem para um cego de nascença o effeito deslumbrantissimo das côres naturaes, a belleza das paisagens, o matiz finissimo das plantas, o artificio genial do pincel do artista; mil encantos que dependem de visào para ser apreciados?!

(Continua).

D. Francisco de Noronha.



ZASUBRINA

(De Maximo Gorcki)

(Concluido do numero antecedente)

A multidào dos encarcerados perturbou-se. —E se o animal rebenta?—acudiu um dos da turba.

—Arrebrantar por uma ligeira pintura? Que ideia!...

—Seja então, Zasubrina!... Mas isso rapido!... Um rapagão alegre declarou entusiasmado que Zasubrina tivera uma ideia genial!...

Zasubrina a esse tempo já tinha o gato na mão e dirigia-se para o balde da tinta cantando uma musica inventada para aquelle momento e que dizia que reparassem bem como de um gato ruivo se pôde fazer um gato verde! Uma gargalhada enorme retumbou na turba. Os prisioneiros estorciam-se e eu vi Zasubrina, com o gato na mão, mergulhar o animal no balde, cantando despreocupadamente... O riso contorcia aquelles, resoando no ar até um clamor immenso.

A's janellas da prisão surgiram mulheres com riso na face, embrulhadas em chales brancos.

O inspector, tambem se sorria. Os espectadores a rir tinham-se afastado do balde. Zasubrina dançava d'uma fôrma grotesca e cumprimentava.

—Basta!—supplicou o tal garoto que ha pouco se entusiasmára.

Zasubrina, porém, estava com sorte. Os risos redobravam em volta de si. A consciencia da sua força transparecia em cada um de seus gritos, em cada careta da sua face de truão, em todo o seu corpo electrizado pelo exito. Agora sustinha o gato pela cabeça e dançava n'uma especie de extasi artistico. Tudo em torno dos prisioneiros se ria: o sol sobre os vidros gradeados; o ceu do alto do pateo, e as proprias paredes velhas da prisão sorriam, com constrangimento, dos entes que deviam occultar toda a manifestação de alegria. Por detraz das grades os rostos das mulheres tambem riam, com os dentes a brilharem ao sol. Tudo fôra a subitas transfigurado, tudo se animára, desabrochára pelo effeito do riso que, como o sol, tudo embelezava, mesmo a lama.

Zasubrina collocou o gatito na herva que em tufos crescia pelo pateo e continuou, bastante excitado, assobiando e dançando a sua dança selvagem.

O riso, porém, extinguiu-se. Tinha sido muito intenso, fatigára os pobres. Por vezes ainda se ouvia o gemer d'um; outros, moviam-se ás saccadas, lembrando-se do que haviam rido. Houve finalmente um bocado em que tudo se calou á excepção de Zasubrina que cantava e o gato que miava caído na herva de que se salientava pelo

vivo da cor. A pintura cegava-o e impedia-lhe os movimentos; vagueava á toa, todo gordurento, a cabeça enorme; depois parava como se a herva o prendesse, não deixando de miar.

O publico olhava o seu artista com uma admiração que começava a enfriar.

—O gato mia!—disse o gaiato, apontando a cabeça do animal, e em seguida olhou para os que o rodeavam, que tambem contemplavam o gato e se calaram.

—Pois será possivel que o animal fique verde para todo o sempre?—exclamou o gaiato.

—E quanto tempo crês tu que resista?—respondeu um outro gaiato que se acercára de Michka. —Vae seccar ao sol, os pellos pegam-se uns aos outros, e morrerá...

E o bichano miava que era uma dôr de coracão.

—Morrerá?... E se se lavasse?—retorquiu o primeiro gaiato.

Ninguém respondeu. Pequeninino, o gato verde movia-se ao pé d'esses homens grosseiros; estava tão fraco que até mettia dô.

—Uff! estou a escaldar!—gritou Zasubrina lançando-se por terra.

Mas pessoa alguma lhe prestou attenção.

O garoto approximou-se do animalejo e pegou-lhe, mas depressa o largou, dizendo:

—Está a ferver!... —e olhando para os companheiros declarou tristemente: —Morreu Michka!... Não mais teremos o Michka! Para que é que se matou este animal?...

—Talvez volte a si!—alvitrou o garoto ruivo.

O animalito verde estava sobre a herva com quarenta olhos a fital-a. Em nenhuma physionomia transparecia um sorriso. Todos se haviam tornado sombrios, calados como o soffrimento do bichano lhes fosse communicado ou como tivessem sentido a sua dôr.

—Curar-se-ha?—repetiu sarcasticamente o gaiato, levantando a voz.—Ahi está Michka! todos o estimavam!... Porque torturá-lo, porque matá-lo?...

—E quem foi que perpetrou essa acção?... retorquiu o forçado ruivo.—Foi elle, o auctor d'esta proeza!... e, dizendo isto intlicou Zasubrina.

—Não ha tal!... —disse Zasubrina, com vontade de restabelecer o socego — Nós todos tinhamos resolvido fazê-lo!—e estremeceu como se tivesse frio.

—Todos?!...—respondeu o gaiato — Tu és o unico culpado!...

—Cala-te, pequeno!—aconselhou com dôçura Zasubrina. —Parece-me que o melhor a fazer é pegar-lhe pelo rabo e atiral-o por cima do muro! E' mais simples!...

—O quê — tornou o ruivo — e se te fizessem o mesmo a ti? Queres experimentar?

—Maldicto! — rosnava o gaiato, que apanhou o gato e desatou a correr; alguns perseguiram-no.

Então Zasubrina ficou completamente so, desamparado n'um circulo de homens que o olhavam ferozmente, que pareciam esperar alguma cousa d'elle.

—Eu tinha-os consultado, companheiros! — disse piedosamente Zasubrina.

—Cala-te! — ameaçou o ruivo, olhando em volta, com o punho nos dentes. O artista estremeceu e um socco fêl-o cair para traz.

—Companheiros! — supplicou rapidamente.

Mas os companheiros, vendo que os dois inspectores estavam longe, rodearam o seu idolo, derrubaram-no e espésinharam-no. De longe podia tomar-se esse grupo compacto por pessoas que conversavam animadamente: Zasubrina occulto por elles, jazia no chão a seus pés.

Isto durou talvez tres minutos, quando a subitas a voz do inspector se ouviu:

—Basta, que diabo! Tudo tem limites!

Os forçados então cessaram de aggredil-o.

A um e um se foram afastando de Zasubrina, tendo-lhe antes d'isso applicado varios pontapés.

Apenas se viu só Zasubrina, que ficou prostrado, de bruços, tossindo e soluçando, começou lentamente a pôr-se em pé, com precaução, como receando desfazer-se ao sair d'onde estava. Com a mão esquerda apoiava-se ao chão, depois curvou uma perna e, gemendo como um rafeiro doente, sentou-se.

Então encostou-se, cambaleando, á parede da prisão. Levava uma das mãos sobre o peito e extendia para a frente a outra. Com a sinistra segurou-se á parede e baixou a cabeça, tossindo.

Vi cair no chão gottas negras que se distinguem perfeitamente do fundo cinzento da parede da prisão.

Afim de não manchar a parede, Zasubrina fazia esforços sobrehumanos para que essas gottas

de sangue negro caissem no chão que as bebia.
Riam-se d'elle!...

O gatinho desapareceu desde então, e Zasu-
brina nunca mais partilhou com pessoa alguma
dos favores do seu publico de condemnados.

Henrique Marques Junior

AZUL

POR JOÃO BELARD DA FONSECA

com um prefacio em verso, de Gomes Leal

São as primicias de um poeta, n'um elegante
volume, que se evola vaporoso para o grande
azul das almas boas, dos genios do bem.



JOÃO BELARD DA FONSECA

Belard da Fonseca é um poeta lyrico por ex-
cellencia, amovavel e crente. Canta as bellezas
do ceu e as da natureza, e como não as cantara
se elle nasceu no equador, onde o sol tem mais
luz, onde a terra tem mais flores.

Brindo a tudo quanto encerra
o Eden do Equador
Brindo, pois, á minha Terra,
e mais aos lyrios da serra,
a tudo quanto descerra
meu flebil canto d'amor...
Brindo a tudo quanto encerra
o Eden do Equador!

Assim se exprime o poeta fallando da sua ter-
ra, e mais adeante:

S. Thomé, ilha d'amores!
meu açafate de flores!
pequeno e patrio Jardim...
recordam-me os teus palmares,
Onde as aves, aos milhares,
Trinam gorgeios sem fim.

Minha terra tens encantos,
que se transformam em prantos
p'ra quem de ti longe está...
Oh! que bellezas que encerra
A minha saudosa terra...
— Mais gracil que ella não ha!

A sua alma de crente inspira-se ao ver passar
a Virgem em procissão:

Veio vestida de Empyrio
por Maria... o casto lyrio
das alvas nuvens do céu...
Nosso Senhor a toucou
das flores que elle plantou...
— S. José lhe poz o véo.

O seu coração sente quanta dôr soffre a mu-
camba, a pobre negra, em S. Thomé:

Sentada além no outeiro
A pobre negra coitada
triste sonha o dia inteiro!

Já veio ao mundo engeitada!
No mundo não tem ninguém,
a pobre mucamba airada.

Sente pairar o desdem.
— Nem risos de filha qu'rida!
— Nem um afago de mãe?

E pelo livro evolam-se, com em ceu sereno,
paginas de suave poesia, que são bem o *Azul*
com que o auctor o denominou.

O volume termina com um poema em dois
cantos, *Leonor*.

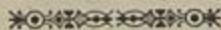
E' um poema d'amor, cujos primeiros versos
mostam toda a paixão do poeta:

Eu canto o Amor — o augusto sentimento,
q' impera por direito de conquista,
e por simples razão de nascimento,
— Sobre isto tudo que a minh'alma avista!

De bom grado iriamos além, cortando flôres,
como em jardim abundante, mas o melhor fica-
rá para a leitora que adquirir o livro, se quizer
que as horas lhe deslissem como por encanto.

Que o sr. Belard da Fonseca prosiga no culto
da boa poesia e nos mimoseie com novas produ-
ções, como nos brindou com o seu bello li-
vro *Azul*, que muito agradecemos.

C. A.



A natureza e seus phenomenos

PHYSICA

PARTE I

A GRAVIDADE

II—MOVIMENTO

(Continuado do n.º 898)

Se fizermos o mesmo com o mercurio, succe-
derá o phenomeno opposto, isto é, junto á vareta,
notar-se-ha uma pequena depressão de liquido.
Se, porém, mergulharmos a mesma vareta de vi-
dro na agua, depois de a untarmos com gordura,
a agua comportar-se-ha, como o mercurio. Mer-

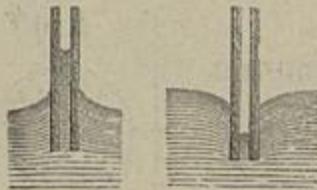


Fig. 35—Phenomenos capillares

gulhando um tubo estreito na agua, o liquido ele-
var-se-ha em torno do tubo, notando-se, no inter-
rior d'este, uma elevação do liquido até uma certa
altura terminando o nivel por uma superficie con-
cava.

Se fizermos o mesmo com o mercurio, forma-
se uma depressão do liquido junto ao tubo, e no
interior d'este, o mercurio conservará um nivel
mais baixo do que aquelle que existe, na sua parte
externa, terminando por uma superficie convexa.

Na experiencia da agua com tubo previamente
untado com gordura, reproduzir-se-ha o pheno-
meno de uma forma semelhante á que citámos
para o mercurio.

Se, em vez do tubo estreito, empregarmos duas
laminas de vidro muito proximas uma da outra, o
phenomeno subsiste.

Mergulhando nos liquidos, tubos de diverso ca-
libre, o phenomeno persistirá elevando-se ou bai-
xando-se o nivel no interior d'estes, proporcional-
mente ao diametro d'esses tubos.

A estes phenomenos denominam-se *phenome-
nos capillares*, os quaes só teem logar em tubos
muito estreitos.

Com os exemplos que acima citámos, conclui-
mos:

1.º Se o liquido molhar o tubo, a altura do ni-
vel no interior d'este, é maior do que o nivel da
parte externa.

2.º Se o liquido não molhar o tubo, esse nivel
é superior ao da parte externa. No primeiro caso,
ha elevação de nivel junto ás paredes do tubo,
sendo no seu interior a superficie do nivel con-
cava. No segundo caso, ha uma depressão de nivel,
junto ás paredes do tubo, sendo no seu interior,
a superficie do nivel convexa.

Os phenomenos capillares explicam a subida do
azeite, petroleo, etc., na torcida dos candieiros.
Por um effeito analogo, as madeiras embebem-se
de liquido.

Diffusão. Lançando vinho n'uma garrafa veda-
da, por meio de uma rolha, crivada apenas de um
pequenuissimo orificio obturado por uma pequena
porção de assucar, e introduzindo a garrafa no
fundo de um vaso com agua pura, constatar-se-ha

uma columna ascendente de vinho, em especial
no vaso contendo agua.

Depositando á superficie de um copo de agua
pura, algumas gottas de agua corada pela fuchsaia,
observa-se uma columna descendente em espiral,
do liquido corado, no vaso contendo agua pura.

Este phenomeno da mistura de dois liquidos,
quando juxtapostos, denomina-se *diffusão*.

A causa d'este phenomeno é a acção attractiva
das moleculas liquidas quando em contacto.

A diffusão entre dois liquidos de diversa den-
sidade, separados por uma membrana, denomina-se
osmose.

Preparemos a quente uma solução de gelatina
concentrada, e deitemol-a n'uma proveta. Por
meio de um funil, attingindo o fundo da solução
de gelatina, deitemos umas gottas de uma solução
de bichromato de potassio. Se lançarmos lenta-
mente agua pura sobre a gelatina, constatar-se-ha
que em breve a agua tornar-se-ha vermelha, mas
não a gelatina.

Nos gabinetes de physica estuda-se o phenome-
no com um apparelho denominado *endosmometro*.
Consta de um vaso de vidro, fechado inferior-
mente, por meio de uma bexiga de porco bem
tensa. Esse vaso de vidro é prolongado, superior-
mente, por um tubo de vidro graduado. Lança-se
dentro d'esta, agua assucarada até uma certa e de-
terminada divisão e mergulha-se o vaso, n'uma
proveta contendo agua pura. Pouco tempo depois,
reconhece-se a existencia do assucar no vaso ex-
terior, subindo o liquido na vaso interior, demons-
trando-se assim, a passagem dos liquidos através
das membranas, originando-se duas correntes:
uma de dentro para fora da membrana (exosmose)
e outra em sentido contrario (endosmose).

Por meio da osmose, explica-se a absorpção dos
liquidos pelas raizes da planta.

Dialyse Deitando n'um tambor, cujo fundo é
formado por uma membrana organica, uma mis-
tura de soluções de silica e chlorato de potassio,
e introduzindo esse tambor dentro de um vaso
com agua, veremos que a mistura atravessa a
membrana, enquanto que a agua não penetra no
interior do tambor.

A esta propriedade das membranas serem per-
meaveis aos corpos *crystalisaveis* e de o não se-
rem, aos corpos *amorphos*, denomina-se *dialyse*.

Corpos *crystalisaveis* são todos aquelles que
podem affectar a forma de *crystaes*.

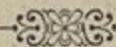
Um *crystal* é um corpo solido de formas regu-
lares e geometricas definidas por faces planas e
linhas rectas.

Um corpo *amorpho* é todo aquelle que não é
susceptivel de tomar a forma de *crystaes*.

Estão no primeiro caso os saes, e no segundo
a gomma, o amydo, a gelatina, etc.

(Continua.)

Antonio A. O. Machado.



O MEZ METEOROLOGICO

Janeiro 1904

Barometro: Altura maxima, 776^{mm},1, em 9.

» » minima, 758^{mm},5, em 1.

O nivel barometrico foi, em geral, em todo o
mez, elevado, apesar das chuvas e da predomi-
nancia dos ventos d'entre NW e SW.

De 7 a 19, o barometro conservou-se sempre
acima de 770^{mm}.

Thermometro: Altura maxima, 15^o,4, em 3.

» » minima 4^o,5, em 23.

A temperatura durante o mez teve fracas os-
cillações sendo as maximas, em geral, baixas, e as
minimas á normal.

O thermometro desceu a 5^o ou abaixo d'esta
temperatura apenas nos dias 22 a 24.

As maximas inferiores a 12^o, foram nos dias:
2 (10^o,2) — 11 (11^o,9) — 21 (11^o) — 22 (10,3) — 23
(10^o,6) — 24 (11^o,4).

Ventos predominantes: SW, até 4 — NE de 5 a
7 — SW, de 8 a 15 — NE, desde esse dia até 24,
e SW até ao fim do mez.

Chuvas: De 1 a 6, em 8 e 9, de 11 a 14, em 16,
em 28 em 30 e 31.

Total da agua recolhida: 53^{mm},2, inferior á
normal.

Um unico dia de chuva notavel, em 30 (11^{mm},2)

Céu: Bom tempo, 10 dias.

» Nublado, 17 dias.

» Encoberto, 4 dias.

Nevoeiro: Em 2, 23, 26, 27 e 29.

Arco-iris: Em 14.

NECROLOGIA

D. LUIZ DA CAMARA LEME

O illustre general e distincto parlamentar fallecido no dia 26 de janeiro, findo, era um dos vultos mais em evidencia no nosso meio, não só pela sua illustração e valioso conselho em assumptos militares, o que o tornava credor de grande prestigio entre os seus camaradas, como pela tenaz persistencia com que defendeu na camara alta os seus projectos de lei sobre incompatibilidades e responsabilidade ministerial.

Caracter independente e nada malleavel, manifestando em todos os actos da sua vida publica a correcção que distinguiu sempre a nossa fidalguia de raça, D. Luiz da Camara Leme não fazia parte de nenhum corrilho politico, com quanto a sua orientação nas diferentes discussões parlamentares em que entrou, não saisse nunca das regras da mais restricta observancia da pragmatica constitucional.

Nascera na ilha da Madeira, e assentara praça em 1836 seguindo os diferentes postos de acesso pela seguinte forma: alferes em 1837, tenente em 1845, capitão em 1851, major em 1866, tenente-coronel em 1874 e coronel em 1876 reformando-se no posto de general de divisão.

Era commendador da ordem de Christo, cavalleiro da Conceição, cavalleiro de Aviz, cavalleiro da ordem de Leopoldo da Belgica, cavalleiro da Torre Espada, pelos seus serviços ao exercito, commendador da ordem de S. Mauricio e S. Lazaro da Italia, commendador de S. Bento de Aviz, gran cruz de Isabel a Catholica, commendador de S. Thiago, gran cruz de Carlos III etc. etc.

Em 1853 serviu ás ordens do Duque de Saldanha, e fez parte de um gabinete que o marechal fôra encarregado de organizar, pelo que tinha as honras de ministro de Estado honorario.



GENERAL D. LUIZ DA CAMARA LEME

Foi eleito deputado em 1856 e reeleito em 1858, passando poucos annos depois para a camara alta onde tomou parte activa nas lides parlamentares.

O seu notavel trabalho *Elementos de Arte Militar*, que lhe mereceu a commenda da S. Thia-

go, deixa do nome do illustre general memoria immorredoura:

D. Luiz da Camara Leme fôra casado em primeiras nupcias com a actriz Emilia das Neves, desposando, annos depois da morte da nossa grande tragica, a sr.^a D. Anna de Albuquerque.



Recebemos e agradecemos:

Revista Internacional.—Sobre a nossa banca de trabalho temos presente á vista o primeiro numero d'este jornal que appareceu ha pouco, tendo por director o sr. Ribeiro de Carvalho. A revista debaixo do ponto de vista litterario apparece magnifica com collaboração de consagrados tendo logar principal Abel Botelho, Fernandes Costa, Gomes Leal, Alfredo Serrano, Eduardo Noronha, Ribeiro de Carvalho e outros.

E' um jornal de combate litterario, de critica livre e desembaraçada. Ao novo collega desejava longa vida.

Kalendarios.—Da conhecida e importante casa Street, sita ao Poço dos Negros, no Palacio Flór da Murta, recebemos um interessante kalendario de parede.

A acreditada tabacaria Gomes da Costa, da Praça Luiz de Camões, presenteou-nos com um kalendario de algibeira bonito e aromatico.

Tambem uma tabacaria do Porto, do nosso amigo Alberto Ferreira, nos bríndou com um kalendario bijou, trazendo na capa e no frontespicio um aspecto da sua casa installada á esquina da Praça da Batalha.

Henrique Bastos — Cirurgião dos hospitaes**DOENÇAS DOS RINS E APPARELHO GENITO-URINARIO**

Exame endoscopico da urethra e beziga.

Colheita de urina de cada um dos rins

CONSULTAS | Senhoras — ás 10 horas da manhã

Homens — ás 3 da tarde

LISBOA — Largo da Annunciada, 9 — LISBOA

BERLITZ SCHOOL

LINGUAS VIVAS

Lisboa

Porto

Coimbra

Rua do Alecrim

Largo dos Loyos

Vianna

20 A.

14

Braga

Ensino pratico por professores estrangeiros

ARMAZEM PHOTOGRAPHICO

DE

WORM & ROSA

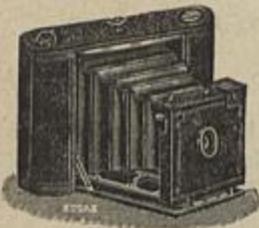
185. R. da Prata, 137 — LISBOA

Fourniture générale pour la photographie — Commissions

Boletim Photographic — Unica revista illustrada de photographia mensal que se publica em Portugal.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE D'ESTA CASA

Numero á entrega 150 réis

**Empreza de Carruagens Fidelidade**Proprietario — **JOÃO FILIPPE DA FONSECA JUNIOR**

N.º TELEPHONICO 500

Aluga Coupés, Mylords, Caleches, Landaus e Clarences

PARA TODOS OS SERVIÇOS

Rua de S. Bento, 46 — LISBOA

E no ESTORIL, Parque do Ex.^{mo} Sr. José Vianna**Patisserie C. Benard**

104, Rua Garrett, 106

LISBONNE

ANTONIO DO COUTO — ALFAYATE

Premado na Exposição Universal de Paris de 1900

Magnifico sortimento de fazendas
nacionais e estrangeiras

R. do Alecrim, 111, 1.º (á P. Luiz de Camões) — LISBOA

Alfredo Rebello

CIRURGIÃO DENTISTA

Diplomado pela Escola Medico-Cirurgica de Lisboa

Dentaduras artificiaes, em ouro, caoutchou, etc., pelos systemas mais aperfeçoados. Extracções de dentes sem dor. Elixir Odontologico «REBELLO»

Consultas todos os dias das 9 ás 5 da tarde

39. 1.º — POÇO DO BORRATÉM, — 39 1.º

Em frente da Rua da Bitesga — LISBOA

VIERLING & C.ª L.ª DA

CAMBIO

Capeis de credito
e Loterias

44, RUA DO ARSENAL, 46

1, Esquina do Pelourinho, 3

LISBOA

Telephone 611

Endereço telegraphico:

STERLING — LISBOA

PRATOS

Para ornamentação

De casas de jantar, o que ha de mais raro e bom, na China e Japão, acaba de chegar ao **Mandarim Chinez** colossal sortido; vê e admirar a enormissima variedade, e sem duvida o melhor brinde pela raridade e originalidade.

Barateza sem igual só no

MANDARIM CHINEZ

143, Rua Augusta, 145 — LISBOA

LE DITIONNAIRE**DES SIX LANGUES**Médaille à l'Exposition Universelle
de Paris de 1900Français, Allemand, Anglais, Espagnol,
Italien et Portugais

Prix 25 francs ou 1 £

Editeur — Empresa do Occidente — Lisbonne — Portugal

